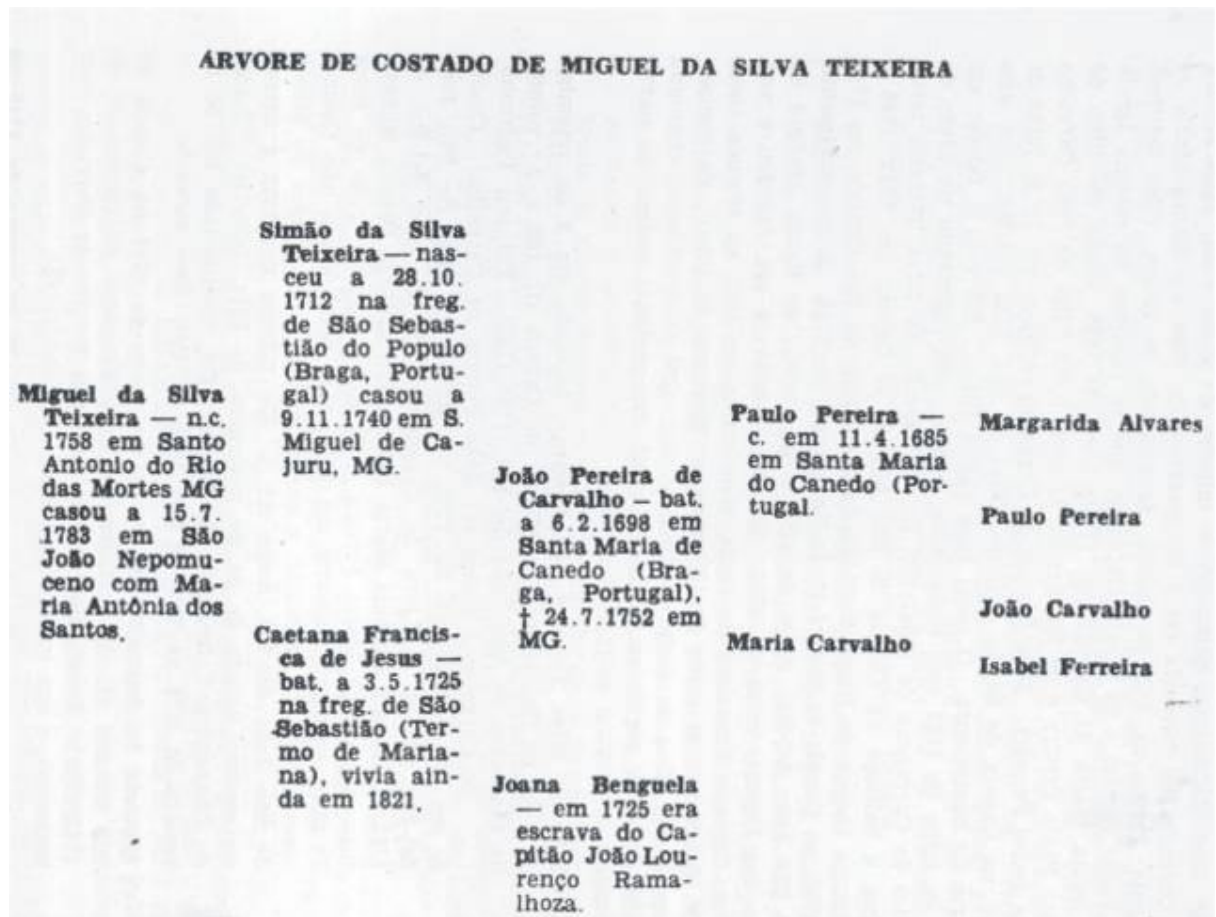


A FAMÍLIA SILVA TEIXEIRA

Por gentileza do genealogista Roberto Vasconcelos Martins publicamos a seguir a genealogia da família Silva Teixeira, que se inicia com a árvore de costado de Miguel da Silva Teixeira. Trata-se de trabalho paciente de investigação nas igrejas e cartórios do sul de Minas¹.

Genealogia

Simão da Silva Teixeira nasceu aos 28 de outubro de 1712 na Freguezia de São Sebastião do Populo, termo da Vila de Mursa, da Comarca de Vila Real, Arcebispado de Braga, em Portugal, tendo sido exposto na casa de João Fernandes e de Mariana Teixeira, que em 1740 viviam ainda na dita Vila de Mursa.



Simão ainda muito jovem passou para o Brasil, indo residir em Minas Gerais. Em 9 de novembro de 1740, na Capela de São Miguel de Cajurú (atual Ancângelo), filial de S. João del-Rei, perante as testemunhas João Pereira de Carvalho, e Diogo Garcia, casou-

¹ - Fontes pesquisadas: a) arquivos paroquiais de Caldas, Lavras, Campanha e São João del-Rei; b) Arquivo Público Mineiro do Museu de São João del-Rei; c) Cartórios do 1.º e 2.º Ofícios da Lavras; d) Arquivo da Cúria Metropolitana de S. Paulo; e) Arquivo do Estado de S. Paulo; f) consulta aos arquivos dos genealogistas Ary Florenzano, de Lavras, e José Guimarães, de Ouro Fino.

se com **Caetana Francisca de Jesus**, batizada aos 3 de maio de 1725 na freguesia de São Sebastião, termo da Vila de Ribeirão do Carmo (Mariana), filha natural de João Pereira de Carvalho e de Joana Benguela (escrava do Capitão João Lourenço Ramalhoza). Segundo o dr. José Guimarães, genealogista mineiro de Ouro Fino, João Pereira de Carvalho foi batizado em 6 de fevereiro de 1698, em Santa Maria de Canedo, Termoda Vila de Bastos, Arcebispado de Braga, filho legítimo de Paulo Pereira e de Maria Carvalho, que se casaram na mesma Igreja de Santa Maria de canedo em 11 de abril de 1685, sendo ele filho de outro Paulo Pereira e de Margarida Álvares, e ela filha de João de Carvalho e de Isabel Ferreira. João Pereira de Carvalho casou-se em 12 de julho de 1737, na Capela de Santo Antônio, filial de São João del-Rei, com Ana Maria do Nascimento. O casal teve vários filhos. Ele veio a falecer em 24 de julho de 1752 com testamento, o qual está registrado no Livro de óbitos de Carrancas de 1734/1800, fls. 45. Simão da Silva Teixeira levou filhos a batismo na Capela de São Miguel de Cajurú em 1742, 1748 e 1752; na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande em 1744 e 1750; na Capela de Nazaré (hoje Nazareno), em 1746. E, provavelmente, em São João del-Reis, cerca de 1769, e na Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes, cerca de 1758. Em 1811 Simão já era falecido e sua viúva, Caetana Francisca de Jesus, vivia ainda em 1821 na Mutuca (hoje Elói Mendes), com cerca de 100 anos, e “demente do juízo”, na companhia de um filho de nome Caetano, e com uma filha solteira, chamada Isabel. São os seguintes filhos do casal, na provável ordem de nascimento:

1 – 1 **João da Silva Teixeira** (ou **Pereira**), batizado em 3 de setembro de 1742 na Capela de São Miguel de Cajurú (fl. 188 v. 3.º volume de batizados de São João del-Rei, 1738/1742). Foi seu Padrinho: de Carvalho (cremos ser João Pereira de Carvalho). Casou-se em 16 de fevereiro de 1768 na Matriz do Pilar de São João del-Rei (fl. 58 v. Livro de Casamentos de S. João del-Rei de 1762/1773), com Antônia Maria Pereira (ou Antônia Pereira Nunes), filha natural de Maria Pereira e de pai incógnito. João da Silva Teixeira requereu sesmaria em 1776, cujo texto ainda não tivemos oportunidade de examinar, e que se encontra no Arquivo do Museu de São João del-Rei, maço n.º 2. Ele faleceu em 1812 e deixou testamento datado de 26 de novembro de 1811, feito na “Chácra do Charquinho”, freguesia de Lavras. Foi inventariado em 30 de janeiro de 1816 na Vila de São João del-Rei. Sem sucessão.

1 – 2 **Quitéria** foi batizada em **27 de dezembro de 1744** na Capela do Rio Grande (fl. 22 v. Livro n.º 2 de batizados de Carrancas, de 1742/1759). Foram seus Padrinhos: João Pereira de Carvalho (avô materno), e sua mulher Ana Maria do Nascimento.

1 – 3 **Antônio da Silva Teixeira**, batizado em **30 de agosto de 1746** na Capela de Nazaré, da freguesia de São João del-Rei (fl. 37 do livro n.º 2 de batizados de Carrancas, de 1742/1759). Foi-lhe concedida sesmaria em 22 de janeiro de 1794 em Lavras, na paragem do Retiro das Três Pontas, confrontando com Antônio Domingos de Carvalho, Francisco Martins Coelho, Simão da Silva Teixeira e João Antunes do Prado (Arquivo Público Mineiro, 256/231) Faleceu com testamento datado de 17 de abril de 1815 no qual pediu para ser sepultado na Capela de Nossa Senhora da Ajuda das Três Pontas. Foi inventariado em 14 de março de 1821 na Vila de São João del-Rei. Sem sucessão.

1- 4 **José da Silva Teixeira**, batizado em 1 de abril de 1748 na Capela de São Miguel de Cajurú (fl. 205, 5.º volume de batizados de São João del-Rei, de 1747/1749). Foram seus Padrinhos: Diogo Garcia e sua mulher Júlia Maria da Caridade. Foi-lhe concedida sesmaria em 17 de dezembro de 1768 no córrego dos Pinheiros, em Lavras, entre as terras das sesmarias de Alexandre de Souza Sobral e de Luís Correa Lourenço (Arquivo Público Mineiro 156/150). Em 1821 José da Silva Teixeira já era morador na capitania de São Paulo, freguezia de Casa Branca, na companhia de alguns irmãos.

1 – 5 **Francisco da Silva Teixeira**, batizado em 28 de fevereiro de 1750 na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande, filial de Carrancas (fl. 38, 1.º volume de batizados de São João del-Rei, de 1749/1751). Foram seus Padrinhos: Manoel Pinto Cardoso, por procuração que representou Francisco Corrêa e Maria Teresa de Jesus, solteiros. Casou-se em 23 de fevereiro de 1772 em Carrancas (fls. 72 vs. Do Livro de Casamentos n.º 2 de Carrancas, de 1751/1780), com Felizarda Bárbara da Silva, batizada em 29 de junho de 1756 na Capela de Santana, filial de Carrancas, filha natural de Bárbara Maria de Moraes, escrava de Custódia de Moraes, e de pai incógnito. Felizarda faleceu e foi inventariada em 12 de junho de 1799 na fazenda chamada “O congonghal” em São João Nepomuceno. Francisco da Silva Teixeira casou-se em 2.ª núpcias, em 23 de junho de 1802, na Matriz do Pilar de São João del-Rei (fls. 87 vs. do Livro de casamentos de S. João del-Rei, de 1790/1811), com Felícia Maria de Almeida, natural de Barbacena, filha de Francisco Xavier de Almeida e de Maria Bernarda de Toledo. Francisco Teixeira da Silva faleceu em 30 de dezembro de 1818 sem testamento, e foi inventariado em 24 de novembro de 1821 na Fazenda do Congonghal, em São João Nepomuceno. Sua viúva, Felícia Maria de Almeida, ficou morando no sítio das Inhumas, freguezia de Nossa Senhora das Dores do Pântano (atual Boa Esperança). Francisco é arrolado por Monsenhor Lefort entre os fundadores de São João Nepomuceno, na última metade do Século XVIII, conforme se lê no 20.º Anuário Eclesiástico da Diocese de Campanha. São três pois, os membros da família fundadores de cidades. Houve sucessão apenas do 1.º matrimônio com Felizarda Bárbara da Silva.

2 -1 **José da Silva Teixeira**, nasceu em 30 de janeiro de 1774, batizado aos 13 de fevereiro do dito ano em Carrancas (fl. 24 v. Livro de batizados de Lavras n.º de 1772/1784). Casou-se em 26 de maio de 1796 na Capela da Madre de Deus (fls. 123 do Livro de Casamentos de Airuoca n.º 8 de 1787/1814) com Joseja Custódia de Paula, batizada em 24 de agosto de 1776 na Capela da Madre de Deus, filha de pais incógnitos, exposta na casa de José Ribeiro do Vale, casado com Maria Theodora (fl. 368 v. Livro de batizados de Airuoca n.º 4, de 1772/1793). José da Silva Teixeira faleceu em 19 de janeiro de 1821 sem testamento e foi inventariado em 31 de março de 1821 na Fazenda da Motuca, em Três Pontas. Sua viúva, Josefa Custódia, vivia ainda em 1833 em Três Pontas. Com sucessão.

2 – 2 **Simão Antônio da Silva Teixeira**, batizado em 9 de setembro de 1775 em Carrancas, nascido em 20 de agosto do citado ano (fl. 51, Livro de batizados de Lavras n.º, de 1772/1784). Foram seus Padrinhos: Simão da Silva Teixeira, solteiro, e Caetana Francisca de Carvalho, avó paterna. Antes de 1797 casou-se com Felícia Cândida Balbina, e faleceu em 2 de agosto de 1814 (fls. 64 vs. do Livro de óbitos de Lavras) e foi inventariado em 13 de maio de 1815 na Fazenda do Congonghal, da Aplicação de São João Nepomuceno. Com sucessão.

2 – 3 **Padre Francisco da Silva de Moraes Landim**, foi batizado aos 26 de julho de 1777 em Carrancas (fl. 87 do Livro n.º 1 de batizados de Lavras, de 1772/1784). Habilitou-se de genere no ano de 1800 (Estante 1, Gaveta 84, n.º 669, do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). Em 1822 residia na Vila Boa de Goiás.

2 – 4 **Alexandre**, solteiro, com 21 anos em 1799, faleceu sem geração antes de 1811, pois nessa data já não figura na relação de filhos de Francisco da Silva Teixeira, num inventário feito em São João del-Rei, para a divisão de bens entre os herdeiros, ainda em vida do pai.

2 – 5 **Manoel Custódio da Silva**, com 17 anos em 1799, casou-se em 12 de fevereiro de 1809 na Capela de São João Nepomuceno (fl. 96 do Livro de casamentos de Lavras n.º 2, de 1793/1830), com Ana Margarida, natural da freguesia de Lavras, filha de Luís Lopes da Silva e de Ana Ricarda de Jesus. Em 1822 residia na Vila de São Carlos de Jacuí.

2 – 6 **Felizarda Bárbara da Silva**, com 15 anos em 1799, casou-se com José Simões de Aguiar.

2 – 7 **Maria Bárbara da Silva**, casou-se com Joaquim Simões de Aguiar.

2 – 8 **Jacinta Bernarda da Silva**, casou-se em 24 de novembro de 1805 na Capela de São João Nepomuceno (fl. 40 v. do Livro de casamentos de Lavras n.º 2, de 1793/1830) com Manoel da Silva Chaves, natural da freguesia de São João del-Rei, filho de João da Silva Rocha e de Ana da Silva Chaves. Em 1811 ainda estavam casados: posteriormente Jacinta enviuvou e casou-se com Joaquim Baptista de Andrade, com quem já aparece no inventário de seu pai em 1821.

1 – 6 **Mariana Francisca**, batizada em 17 de maio de 1752 na Capela de São Miguel de Cajurú (fl. 158 v. 2.º volume de batizados de São João del-Rei, de 1749/1751). Casou-se em 6 de outubro de 1767 no Altar Portátil de Alexandre de Sousa Sobral (fl. 52 v. Livro de casamentos de Carrancas n.º de 1751/1780), com Miguel Moreira, filho de Mateus Moreira e de Ana Lopes.

1 – 7 **Maria da Silva Pereira**, casou-se em **19 de novembro de 1770** na Matriz de Carrancas (fl. 65 v. Livro de casamentos de Carrancas n.º 2, de 1751/1780), com Francisco de Oliveira Galante, filho de Manoel de Oliveira Galante e de Rita de Jesus.

1 -8 **Madalena Francisca de Jesus**, natural da freguesia de Carrancas, casou-se **em 23 de novembro de 1779** na Ermida de S. Bento de Campo Belo, hoje São Bento Abade (fl. 121 do Livro de casamentos de Carrancas n.º 2, de 1751/1780), com Joaquim Pereira de Macedo, natural da freguesia de Guarapiranga, filho de João Pereira e de Joana de Brito.

1 – 9 **Miguel da Silva Teixeira** nasceu cerca de 1758, e foi batizado na Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes (hoje denominada Rio das Mortes, no município de São João del-Rei). Casou-se em 15 de julho de 1783 na Ermida de São João Nepomuceno (fl. 50 v. Livro de casamentos de Lavras n.º 1, de 1780/1793), com Maria Antônia dos Santos, nascida cerca de 1760 em Lavras, filha natural de Ângela Dias

Vidal e de pai incógnito. Em 1817 Miguel já era morador na região de Casa Branca. Encontramos os seguintes filhos do casal (além de um filho natural):

2 – 1 **Joaquim da Silva Teixeira**, batizado na Capela do Porto do Rio Grande, filial de Lavras. Casou-se em **2 de junho de 1813** na Capela das Três Pontas (fl. 127 v. Livro de casamentos de Lavras n.º 2, de 1793/1814), com Ana da Silva, natural de Lavras, filha de Joaquim Luís da Silva e de Ângela Maria da Conceição.

2 – 2 **Tomázia da Silva Teixeira**, batizada em 10 de março de 1786 na Ermida de São João Nepomuceno (fl. 3 do Livro de batizados de Lavras n.º 2, de 1784/1804). Casou-se em 2 de fevereiro de 1805 na Campanha com Miguel Francisco da Costa, natural de Guaratinguetá, filho de João da Costa Leme e de Margarida Bicula. Era sua filha:

3 – 1 **Maria Felícia**. Casou-se em 5 de fevereiro de 1825 em Douradinho com Francisco de Paula Torres, natural da Campanha, filho natural de Maria Josefa da Conceição e de pai incógnito.

2 – 3 **Severina Maria da Silva**, natural de Lavras, casou-se em 25 de janeiro de 1809 na Campanha com Bento Pereira Pinto, natural da Campanha, filho de Antônio Pereira Pinto e de Custódia Rita de Camargo.

2 – 4 **José da Silva Teixeira** natural de Lavras, casou-se em Caldas, em 23 de agosto de 1812, com Leonor Maria Dias, viúva por óbito de Lauriano José de Oliveira. Com sucessão:

3 – 1 **Gertrudes**, com 16 anos em 1822.

3 -2 **Maria**, com 8 anos em 1822.

3 – 3 **Ana**, com 6 anos em 1822.

3 – 4 **Emerenciana**, com 4 anos em 1822.

2 – 5 (filho natural) **Pedro**, citado no testamento de seu irmão Simão da Silva Teixeira, em 1846. Era filho de uma mulher chamada Francisca, e foi criado pelo seu irmão Simão.

1 – 10 **Isabel da Silva Teixeira**, viveu na companhia de sua mãe e de seu irmão Caetano, na Mutuca (Elói Mendes). Faleceu solteira em 2 de março, provavelmente do ano de 1821.

1 – 11 **Manoel da Silva Pereira**, casou-se em 13 de outubro de 1784 na Capela de São Miguel de Cajurú (fl. 252, Tomo III de casamentos de São João del-Rei, de 1781/1788), com Maria Antônia de Jesus, filha natural de Giraldo (sic) Gonçalves Bahia e de Inácia, parda escrava que foi de José da Fonseca. Manoel vivia em 1821 no termo da Vila de São João del-Rei, com sucessão. Descobrimos os dois filhos seguintes:

2 – 1 **Ana**, batizada em Lavras.

2 – 2 **José**, batizado em **17 de abril de 1796** na Ermida de Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário do Rio Verde (fl. 16 do Livro de batizados de Lavras n.º 2, de 1784/1804).

1 – 12 **Caetano da Silva Teixeira**, em 1821 era morador na Mutuca (Elói Mendes) sendo mencionado no inventário de seu irmão Antônio em São João del-Rei. Nessa ocasião fez importante declaração, referindo-se ao fato de seus irmãos José, Simão e Miguel, serem moradores na capitania de São Paulo, na freguesia de Casa Branca. Posteriormente Caetano mudou-se também para São Paulo, e em 1824 aparece como avaliador no inventário do Alferes Salvador Garcia Leal (1.º Ofício de Mogi-Mirim, maço n.º 192). Foi mencionado no testamento de seu irmão Simão da Silva Teixeira em 1846. Cremos que foi casado com Felícia Maria de Macedo, e pai de:

2 – 1 **Gabriel da Silva Teixeira**, natural de Lavras, casou-se em 1 de março de 1808 na Campanha com Cândida Perpétua do Amor Divino, natural de Lavras, filha de José Martins Lessa e de Luzia Clara da Costa. Com sucessão.

1 – 13 **Simão da Silva Teixeira**, natural de São João del-Rei, onde se casou em 21 de fevereiro de 1802, na Matriz do Pilar (fl. 85 do Livro de casamentos de São João del-Rei – 1790 – 1811), com Leandra de Souza Fonseca, natural de São João del-Rei, filha de José de Souza Leitão e de Domingas Joaquina da Fonseca. Enviuvando, Simão casou-se em segundas núpcias com Catarina Maria da Silva. Não houve sucessão desses dois casamentos. Simão da Silva Teixeira foi o fundador da cidade de São Simão, onde faleceu a 4 de outubro de 1849, com 80 anos de idade. Redigiu seu testamento em 6 de outubro de 1846 no qual diz que criou até a idade de 18 anos um menino chamado Pedro, filho natural de seu irmão Miguel. Menciona também o nome de seu irmão Caetano, que foi seu terceiro testamenteiro.

NOTAS

1) Como se vê do presente e minucioso trabalho, Roberto Vasconcelos Martins não registra os nomes de Vicente e Germano, que Umbelino Fernandes menciona como sendo irmãos de Miguel. Segundo o ilustre pesquisador, Vicente e Germano podem, talvez, ser sobrinhos de Miguel. Aliás Umbelino se enganou, também, ao dar Miguel como filho de José da Silva Teixeira, quando seu genitor se chamava Simão. E este não se passou para a Capitania de São Paulo com seus filhos, pois em 1811 já era falecido.

2) No inventário de Antônio da Silva Teixeira, datado de 14 de março de 1820, na Vila de São João del-Rei, transcreve-se o seu testamento, no qual ele declara ser natural de Santa Ana das Lavras do Funil (Lavras). Diz ser irmão de Caetano e de Isabel, falecida solteira no dia 2 de março. Declara mais ainda que tem quatro irmãos: José da Silva Teixeira e Miguel da Silva Teixeira, estes moradores na Capitania de São Paulo, na Freguesia de Casa Branca, Estrada de Goiás e, mais, Manoel da Silva Pereira. “Silva Pereira” possivelmente é devido ao parentesco da família Silva Teixeira com a do capitão Antônio Pereira de Carvalho. Como a mãe de Miguel era “Carvalho” e alguns de seus filhos se assinavam “Pereira”, é de presumir a existência de parentesco, não identificado ainda, entre as duas famílias. O inventário e o testamento são de real importância para a História de Caconde, pois revelam que Caetano não acompanhou os outros irmãos, como insinua Umbelino Fernandes, e que eles foram primeiro para Casa Branca, tal como afirmamos anteriormente. O irmão de Miguel, João, não se passou para São Paulo, como acreditava Umbelino. Esse João, como informa Vasconcelos Martins, faleceu na região de São João del Rei e o referido pesquisador encontrou seu inventário e testamento.

3) Verifica-se de um livro de audiências do juizado de paz de Caconde, 1839/1845, que Miguel da Silva Teixeira faleceu em Caldas, provavelmente em 1842/3. Era casado em segundas núpcias com Maria Felizarda de Oliveira, que foi sua inventariante e testamenteira. Ao falecer, Miguel era proprietário da Fazenda do Engano, além do Rio Pardo (fls. 89 v. a 90, 123 a 127 v. e 135 v. e 136).

4) O primeiro casamento realizado em Nepomuceno foi o de Miguel da Silva Teixeira com Maria Antônia dos Santos. Miguel e seu irmão Caetano estão entre os primeiros moradores dessa localidade (Anuário Eclesiástico da Diocese de Campanha, 1955 – Histórico de Nepomuceno, MG, de autoria de Mos. José do Patrocínio Lefort, em “Primeiros Moradores” págs. 7, 8 e 9).

INVENTÁRIO DE MARIA ANTÔNIA DOS SANTOS

Maria Antônia dos Santos, esposa de Miguel, faleceu em Caconde no dia 12 de julho de 1833, sem testamento. O inventário foi aberto em Caconde no dia 23 de janeiro de 1834, sendo inventariante Miguel da Silva Teixeira.

De acordo com esse documento, que se encontra no maço n.º 143 do 1.º Ofício de Mogi-Mirim, o casal tinha os seguintes herdeiros: 1 – Inácia Maria de Jesus; 2 – José da Silva Teixeira; 3 – Tomásia Maria da Silva, casada com Manoel da Costa; 4 – Teresa Maria, casada com Fermiano Antônio Gomes; 5 – Joaquim da Silva Teixeira, (falecido), sendo seus filhos, residentes em Tres Pontas, Minas Gerais: Maria Rita; Bernarda Maria; Emerenciana, casada com Rafael Antônio de Lima; Ana da Silva, com 11 anos; Ana, com 10 anos; 6 – Severina (falecida), que deixou os seguintes filhos: João da Silva Pereira e Maria Antônia, casada com José Dias da Silva; 7 – Vicente, com 14 anos; 8 – Leonor (falecida), que deixou uma filha, Maria Bernarda (doida).

No mesmo ofício de Mogi-Mirim, maço 48, encontra-se arquivado o inventário de Felícia Maria de Macedo, sendo inventariante Caetano da Silva Teixeira (viúvo). Data: 25-9-1832, em Caconde. Falecida em 28 de julho de 1832, com testamento, redigido em 8-11-1824 na Freguezia de Casa Branca. Felícia Maria de Macedo, natural de Santa Maria da Vila de Baependi, MG, era filha legítima de João Pereira de Macedo e de Ana Maria de Brito, ambos falecidos. Deixou dois filhos: Rita Maria, casada com Francisco José Dias e Gabriel da Silva Teixeira, falecido.

Note-se que Miguel estava em Caconde no ano de 1834.

OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS

Tenente-Coronel Domiciano José de Souza – Nascido em 1790, na Freguezia de Ibituruna, Município de São João del-Rei, Minas Gerais (atual Município de Ibituruna). Filho de Marco Aurélio de Souza. Casou-se com Mariana de Almeida e Silva, filha do Capitão-mor Custódio José Dias, de Santo Antônio do Machado, região de Alfenas².

Chegou a Caconde em data incerta, acompanhado de seus irmãos Vigilato, José Joaquim Custódio e de seu cunhado José Cristóvão de Lima. De sociedade com Vigilato José de Souza estabeleceu as duas grandes fazendas de Soledade (hoje Tapiratiba) e Bica de Pedra (atual Itaiquara), tornando-se dos mais opulentos lavradores da região.

É possível que Domiciano e seu irmão Vigilato tenham assinado a petição para restauração da Freguezia, cujos primeiros signatários, como vimos, foram o alferes Manoel Alves Moreira Barnosa e o cap. Alexandre Luís de Melo.

No livro de batizados n.º 1, da Paróquia de São José e Dorés (Alfenas MG), relativos aos anos de 1819/1822, fl. 28, v.) lemos que:

“Em 15 de junho de 1822 (mil oitocentos e vinte e dois), na ermida da fazenda do capitão-mor Custódio José Dias, batizou-se: Custódio, filho de Domiciano José de Souza e de Mariana de Almeida e Silva. Padrinhos: Vigilato José de Souza, com procuração do Alferes Marcos de Souza Magalhães e de d. Mariana de Almeida e Silva

² - Custódio José Dias foi capitão-mor de Jacuí, por patente de 3 de janeiro de 1816 (SG, livro 362, fl. 317 v., Minas Gerais).

(esposa do capitão-mor, homônima da esposa de Domiciano), e Mariana, filha de Vigilato José de Souza e de d. Ana Custódia da Silva. Padrinhos: Domiciano José de Souza, com procuração do alferes Marcos de Souza Magalhães e d. Mariana de Almeida e Silva (esposa do capitão-mor), “todos do bairro do Machado, curato de São José e Dores – Freguezia de Cabo Verde”.

A procuração que os dois irmãos outorgaram ao alferes Marcos de Souza Magalhães comprova que em julho de 1822 eles estavam ausentes de sua residência. É possível que estivessem em Caconde, já em 1819, pois o pedido de restauração da Freguezia e seu atendimento é de junho de 1820.

Umbelino Fernandes, em sua Poliantéia, dá grande ênfase ao fato de o capitão-mor Custódio José Dias ter assistido à missa de Natal na Freguezia restaurada, ato esse celebrado em 24 de dezembro de 1824. Não encontramos documentação a este respeito, mas tudo leva a crer que assim foi, pois Domiciano e seus irmãos eram ligados à família do capitão-mor Custódio José Dias, que foi importante homem de seu tempo, o que veremos em outra oportunidade.

Domiciano José de Souza edificou, em data ignorada, em frente à Igreja Matriz, a Casa Grande da Soledade, prédio notável e que até hoje causaria admiração. Assisti a boa parte da demolição da Casa Grande, que era sustentada por fortes vigas e colunas de madeira de lei e coberta de telhas paulistas.

Domiciano José de Souza faleceu a 28 de outubro de 1861 (livro de Óbitos da Paróquia de Caconde, n.º 2, fl. 27). Foi sepultado na primitiva Capela do Cemitério.

Não figura ele no recenseamento de 1822. Mas é certo que já estava, com seu irmão Vigilato, estabelecido nas fazendas Bica de Pedra e Soledade. Poderiam estar ausentes, para Machado, onde deixaram as esposas e, assim, não terem sido recenseados. É fora de dúvida que em 1824 ele se encontrava na Nova Freguezia, como faz certo a confirmação de sua patente de capitão das Ordenanças de Mogi-Mirim, datada de 23 de novembro desse ano. Assistiu, assim, à Missa de Natal.

Patente do Capitão Domiciano

“Dom Pedro, pela Graça de Deus, e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem, que tendo consideração a Domiciano José de Souza, achar-se provido pelo Presidente da Província de São Paulo no posto de Capitão das Ordenanças do Termo da Vila de Mogi-Mirim da Freguezia de Caconde: Hei por bem de o confirmar (como por esta confirmo) no dito Posto de Capitão, o qual servirá enquanto Eu houver por bem, e com ele gozará de todas as honras, graças, privilégios, liberdades, isenções e franquezas, que diretamente lhe pertencerem. Pelo que: mando ao referido Presidente que o deixe servir e exercitar debaixo da posse, e juramento que já prestou, e ao Comandante das ditas Ordenanças, Oficiais Maiores, e mais cabos de guerra o tenham e conheçam por tal, honrem e estimem, e aos Oficiais e Soldados, que lhe forem subordinados, cumpram suas ordens, como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei passar a presente carta, por mim assinada e selada, com o selo grande das Armas do Império. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro, aos vinte e três do mês de novembro, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e vinte e

quatro. Terceiro da Independência e do Império. Imperador com Guarda. L. S. José de Oliveira Barbosa. Joaquim de Oliveira Álvares”³.

Tenente Vigilato José de Souza – Nascido em 1798, casado com Antônia da Silva, filha de Gabriel Pio da Silva, de Caldas. Fundou a Fazenda Bica de Pedra. Segundo Umbelino, era de costumes austeros e de uma honestidade proverbial na família que provinha. Faleceu aos 75 anos de idade, no dia 15 de novembro de 1875 (livro de Óbitos de Caconde, n.º 2, pág. 68). Vigilato José de Souza foi juiz de paz de Caconde em 1834 (Livro de posses, termo de abertura).

Foi juiz de paz também em 1839.

Capitão Joaquim Custódio Dias – Nascido em 1899, natural de Ibituruna, casado com d. Luzia Delfina da Silva, filha do capitão-mor Custódio José Dias. Estabeleceu-se na Fazenda da Lage, à beira da estrada geral que de Caconde seguia para Casa Branca, passando pela atual cidade de Mococa. Tornou-se popular, sendo a personificação da hospitalidade franca. Seu filho, cel. Teófilo Custódio Dias, era, em 1924, proprietário da referida Fazenda da Lage.

Alferes José Cristóvão de Lima – Natural de Batatais, casado a primeira vez com d. Bárbara Delfina da Silva, filha do capitão-mor Custódio José Dias, e segunda vez com d. Ana de Noronha Negreiros, filha do capitão Felix de Noronha Negreiros. Instalou-se na Fazenda da Água Limpa. Em 28 de dezembro de 1848 solicitou demissão do seu emprego de alferes da guarda nacional⁴.

Francisco Ribeiro do Vale – Filho de Joaquim Ribeiro do Vale, nasceu em 1792, no município de São João d’El Rei. Em 1829 adquiriu a Fazenda da Barra Grande do Guaxupé, onde residia, tendo falecido em 18 de abril de 1860. Foi mesário para a primeira eleição de juiz da Paz, em 1828. Em 1836 aparece eleito Juiz de Paz do Distrito de caconde. Intimamente relacionado com a família Souza Dias. Do seu casamento, em 1815, com d. Maria C. Umbelina, deixou 14 filhos. Foram todos pessoas de destaque e prestígio social, notadamente o tenente coronel Manoel Joaquim Ribeiro do Vale, Barão do Guaxupé e pai do conde Joaquim Augusto Ribeiro do Vale.

Joaquim Alves Moreira – Natural de Airuoca, Minas Gerais, onde nasceu em 1796, filho de Hipólito Alves Moreira. Foi um dos primeiros a entrar na região depois da decadência da velha Freguezia em 1775, pois em 1816 já se achava, com seu pai, instalado na Fazenda da Conceição. Acompanhou de perto toda a evolução da idéia de reerguer-se a povoação. Foi o primeiro escrivão de paz e da vigararia da Vara, onde ainda o encontramos em 1839. Serviu no cargo de primeiro Juiz de Paz. Foi por muito tempo agente da Coletoria de Casa Branca em Caconde, e fez parte da primeira Câmara Municipal eleita em 1864. Faleceu em Caconde em 16 de julho de 1875. Do seu casamento com D. Rita Maria de Jesus nasceram muitos filhos, entre os quais o major José Alves Moreira Barbosa.

³ - Arquivo – Patentes, Sesmarias e Cartas Régias – Caixa 95, ordem 453, vol. 295, doc. n.º 3.

NOTA – Não encontramos as seguintes patentes e nomeações mencionadas por Umbelino Fernandes: José Barbosa de Guimarães, alferes; Antônio Alves Negrão, capitão; Vigilato José de Souza, tenente; Tomás José de Andrade, capitão; Jaime Ferreira de Ávila, sargento-mor e José Custódio Dias, alferes.

⁴ - Arquivo do Estado, caixa 54, ordem 848, anos de 1839/1841.

- A guarda Nacional foi extinta por decreto de 29 de maio de 1918. Em seu lugar foi criado o Exército de 2.ª Linha.

CAPITÃO-MOR CUSTÓDIO JOSÉ DIAS

Filho de Joaquim Dias, nasceu pelo ano de 1763 em Itavuna, termo de São João d'El Rei, MG. Casado com Mariana de Almeida e Silva. Pelo ano de 1815 transferiu-se para as proximidades do Arraial de São José e Dores de Alfenas, termo da Vila de Jacuí.

Instalado na fazenda da Cachoeira, foi nomeado capitão-mor de Jacuí em de janeiro de 1816 (Arquivo Público Mineiro CG. 362?317) sendo confirmado por D. João VI, em 15 de fevereiro de 1817 (patente do Arquivo Nacional, sem fonte determinada).

Na eleição realizada em Ouro Preto, a 21 de maio de 1822, para constituição do novo Governo Provisório, na Província de Minas Gerais, entre os sete eleitos constou seu nome, representando a Freguezia de Cabo Verde (onde possuía fazenda). Elegeu-se com 164 votos. Foi membro da Junta Provisória até 1823 (As Juntas Governativas e a Independência do Brasil, vol. 2 – Conselho Federal de Cultura – Rio de Janeiro, 1973 – Ministério da Justiça Arquivo Nacional, págs. 900, 902 e 956). Foi deputado geral, na legislatura de 1826 a 1833 (Informação do sr. Nelson Lopes, de Alfenas). Colaborou também na fundação do povoado, hoje cidade de Machado, onde em 1825 assinou como testemunha no patrimônio do Padre Antônio José Martins (Processo de habilitação de genere et motibus do referido sacerdote – Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, gaveta 50, estante 2, n.º 1. 169).

Num diário manuscrito, espécie de inventário do capitão-mor Custódio José Dias (pertencente ao sr. José André Dias, Fazenda da Serra, Machado, MG), consta a existência de sete filhos do Capitão, a saber: Bárbara, casada com José Cristóvão de Lima (de Mococa); Jacinto, Luzia, Margarida, Pio, Francisco e Roque. Considerava igualmente herdeiras as sobrinhas: Mariana, casada com Domiciano José de Souza (Fazenda Soledade - Tapiratiba); Ana, casada com Vigilato José de Souza (Fazenda Bica de Pedra, hoje Itaiquara) e Maria Custódia, casada com Felix de Souza Magalhães (Alfenas). Assim considerava também sua afilhada Francisca de Paula, casada com João Custódio Dias.

Faleceu em 7 de setembro de 1843, na Freguezia de Alfenas, MG, aos oitenta anos de idade e já viúvo (Livro de Óbitos da Paróquia de S. José e Dores de Alfenas, 1836, pág. 38).

PADRE JOÃO MIGUEL DE ÂNGELIS

De um exemplar do jornal “A Sentinela”, anexo ao livro do Tombo aberto em 1875, existente na Casa Paroquial de caconde, consta o seguinte:

Nasceu o padre João Miguel de Angelis a Piro, Província de Salerno, em 4 de outubro de 1875. Aparelhou os seus conhecimentos sacerdotais no Seminário de Policastro Buscentino, tendo, depois de ordenado, participado da Igreja Paroquial de São Pedro. Veio para o Brasil em 1900 para tomar conta da Paróquia do Brás. Em 1905 foi transferido para Mogi-Guaçu e em 1910 para Caconde⁵.

Em 1921 fundou a Escola Profissional com vários cursos especializados, tendentes à formação profissional de rapazes e sua colocação, os quais, à falta de empregos, perambulava vadios pelas ruas cacondenses.

⁵ - Registro de Sacerdotes do Bispado de São Paulo, época e lugar de ordenação. Cargos exercidos, escriturado em 1905. (Arquivo da Cúria Metropolitana, armário e prateleira n.º 3, livro 31, pág. 4). O padre de Angelis era filho de Miguel de Angelis e de d. Vitória Pallazzo de Angelis.

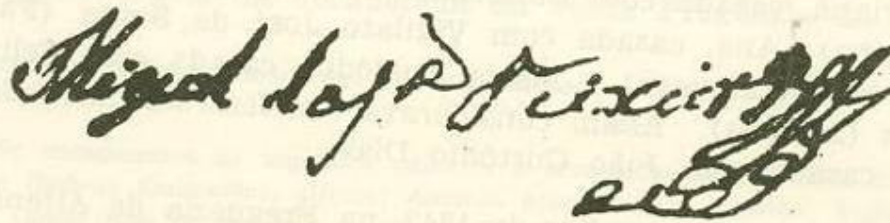
Em 1924 fundou o jornal “A Sentinela” . Em 1926, agindo junto aos poderes competentes e jogando com sua influência pessoal, conseguiu a remodelação do prédio do Fórum. Colaborou também para as obras da estrada que liga Caconde a Itaiquara.

O Livro do Tombo, aberto em 7 de novembro de 1903, fl. 109, informa que iria tomar posse no dia 13 de outubro de 1910. Contudo, empossou-se em 21 de novembro daquele ano. Devido à ação de “alguns paroquianos detratores (mesmo livro, págs. 146/47), solicitou da autoridade diocesana de Ribeirão Preto o abandono da Paróquia, o que fez em 29 de setembro de 1929.

Faleceu em São Simão à 22h20 do dia 20 de novembro de 1933.

A propósito de sua ida para aquela cidade contam antigos moradores de Caconde que seus inimigos políticos fizeram numerosos disparos de arma de fogo contra a sua residência (antiga Casa Paroquial, no mesmo sítio da atual) e, em seguida, representaram ao bispo diocesano de Ribeirão Preto, d. Alberto José Gonçalves, dizendo que a vida do sacerdote corria perigo e que por isso seria melhor substituí-lo.

Assinatura de Miguel da Silva Teixeira

A handwritten signature in black ink on aged paper. The signature is written in a cursive, somewhat stylized script. It appears to read "Miguel da Silva Teixeira" followed by a large, decorative flourish or initial at the end. The ink is dark and the paper has a yellowish tint.

CENTENARIO DE CACONDE

As senhoritas de Caconde, desistindo tomar parte directa nos festejos commemorativos do Centenario da fundação desta cidade e da primeira missa celebrada nesta terra, resolveram organizar um modesto festival que se realizou no dia 23 do corrente na 19 horas no "Cineña Variedades" gentilmente cedido pelo seu proprietario Sr. Pedro Tortorelli e que obedeceu ao seguinte

PROGRAMMA

1a. PARTE

HYMNO NACIONAL A 6 Mãos — pelas Senhoritas — **Maria C. Almeida, Roma Mazzilli e Zula Lobo**
DISCURSO — pela senhorita — **Maria Conceição de Almeida.**

2a. PARTE

A CHOUFANA BRETÁ OU UMA LIÇÃO AS FILHAS
— Drama em 3 actos com as seguintes distribuições —

Mãe Heronof	Viuva de um pescador	ZULEIDE DE SOUZA
Iveta	Sua filha	ESMERALDA DE SOUZA
Magdalenha	(Vizinhas da casa da Mãe Heronof)	MARIA BARBONI
Bertha		YOLANDA ANTONI
Anna	Amiga de Iveta	MARIA JOSE LEMES
Madame de Saint Aignan	Márquiza	MARIA C. DE ALMEIDA
Madame de Felleten	Senhora decalada	ROSA TORTORELLI
Baroneza de Esteren		IZABEL RUBO
Marquiza Nauvray		ZULA LOBO
Joseph	Creado	ANTONIETTA DE ALMEIDA
Constancia		APPARECIDA DE SOUZA

3a. PARTE

A Geisha	Cançoneta	OLGA DE ALMEIDA
Fado dos miões		ZULA LOBO
Apito, seu guarda, apito	Docto	MARIA MOREIRA
Agonia de artista	Tango	MARIETA DE ALMEIDA
Pracelinha	Cateceto	M. CONCEIÇÃO ALMEIDA
Valsa das que soffrem		MARIETA DE ALMEIDA
O Plutasilgo	Poesia	ESMERALDA DE SOUZA
Jayne	Fox-trot	IZABEL LAROCCA
De roupa nova	Cançoneta	APPARECIDA DE SOUZA
Rouxinol	Fox-trot	OLGA DE ALMEIDA
Viola cantadeira	Tangutinho	IZABEL LAROCCA
		(MARIA CONCEIÇÃO ALMEIDA
		(ESMERALDA DE SOUZA

Sarcando

Scena comica

MARIA BARBONI
IZABEL LAROCCA
YOLANDA ANTONINI
OLGA MOREIRA

As cançõetas foram acompanhadas ao piano e violão pelas senhoritas **Roma Mazzilli, Maria Conceição de Almeida e Zula Lobo** —

Caconde, Dezembro de 1924

CENTENARIO

DA
Fundação de Caconde e da primeira missa
AQUI CELEBRADA NO DIA 24 DE DEZEMBRO

Os festejos organizados para a commemoração de tão gloriosa data obstarão ao seguinte

PROGRAMMA

DIA 22 — O Reverendo Vigário da Parochia Padre João Miguel de Angelis, acolytado pelos Reverendissimos Padres Feliciano Jagüe e João de Eschibaria, dará inicio a um solemne triduo na vetusta Matriz desta cidade, ás 6 horas e meia da tarde.

DIA 23 — As 8 horas da manhã o Vigário e os outros Padres celebrarão o Santo Sacrificio da Missa em suffragio dos fundadores desta cidade. Ás 8 horas e meia da noite um grupo de gentis senhoritas levará ao palco no Theatre Variedades um pequeno drama e algumas cançonetas

DIA 24 — O amanhecer desse dia será saudado com uma salva de 21 tiros e a banda municipal Santa Cecilia desta cidade, sob a eximia batuta do maestro Mozart Candido de Araujo percorrerá as ruas desta cidade —

Ás 7 horas e meia os Reverendissimos Padres celebrarão uma missa em suffragio das almas dos vigários que foram desta parochia.

Ás 8 horas a historica imagem de Nossa Senhora da Conceição, que figurou como Padroeira da extinta igreja do Bom Sucesso, em 1775, em bellissimo andor, da Capella do Collegio Immaculada será transportada, proccisionalmente, para a praça Dr. Sampaio Vidal, onde será collocada em artistico altar, exposta á veneração dos fiéis.

Neste acto soará o velho sino que existiu naquella — mesma igreja —

Ás 9 horas se fará a inauguração do obelisco commemorativo do Centenario, que será entregue aos poderes municipaes. —

Logo em seguida, no mesmo altar, será celebrada a missa campal, pregando ao Evangelho o Padre Feliciano Jagüe.

A Camara Municipal para perpetuar o festejamento desta nossa gloriosa data deliberou dar o nome "RUA 24 de DEZEMBRO" a actual Rua dos Guayanaez. As 2 horas da tarde com a presenca das autoridades serão collocadas as respectivas lapides de marmore.

Ás 6 horas e meia da tarde será cantado na Matriz um solemne Te-Deum

Á meia noite em ponto celebrar-se ha a tradicional Missa do Gallo

DIA 25

Festas em louvor da Padroeira desta Parochia, sendo festeiros o Snr. Eduardo Marcelino de Paria e sua Exma. Senhora.

No dia 24 será distribuido carne e outros generos alimenticios aos pobres desta cidade

No dia 25 será servido um almoço aos presos da nossa cadeia publico

Nos dias de festa a cidade será fartamente illuminada e embandeirada

CACONDE, DEZEMBRO DE 1924

A Commissão



Obelisco erguido em comemoração ao 1.º Centenário da cidade, na Praça Cel. Joaquim José de Oliveira Martins. A placa, em mármore, diz o seguinte: "1824-1924 — Centenário da Fundação desta cidade e da primeira missa aqui celebrada". Tal como dissemos no texto deste livro, a primeira missa celebrada em Caconde não foi a 14 de dezembro de 1824, mas em maio de 1820. A data da restauração da Freguezia é 28 de junho de 1820. Lamentável lapso, ocorrido por falta de registro no Livro do Tombo e que precisa ser corrigido.



O antigo jardim do Largo da Matriz, atual Praça Ranieri Mezzilli